



O Jornal das Senhoras - Tomo II - 7 de novembro de 1852 - Edição 45

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00045.pdf

TOMO II.—DOMINGO, 7 DE NOVEMBRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS.

Gostais do campo?

Oh! muito: se me fosse possível passaria no campo as tres quartas partes do anno.

Sois do meu gosto. Não sou romantica, nem melancholica, mas, não vos posso descrever o prazer, a vida que sinto, quando estou no campo. A presença das montanhas cobertas de verde; um regato que corre, que brinca com as pedrinhas de seu leito murmurando brandamente; os passeios ao alvorecer da manhã, ao descambar da tarde, oh! tudo me é agradável e suave, vivo e brilhante. Que scismar tão doce não é aquelle que se passa junto de uma copada mangueira á brisa do perfume das flores e do pausado gotejar da fontezinha, por entre a erva coberta de florinhas azues, correndo ligeiro o fio crystalino que della se escapa...! Por certo: depois do perfume, do movimento e da sumptuosidade dos salões, uma vida de tres ou seis mezes no campo, entre o perfume das flores, o movimento e a sumptuosidade da natureza, traz-nos um contraste, uma emoção inexplicavel. A vida se expande e renova-se.

Em Pariz passa-se o verão no campo; quem não o pôde de todo fazer, aproxima-se o mais que lhe é possível, aos logares publicos os mais arejados: passeia-se dia e noite. Bailes, theatros e *soirées*, ficção em ferias para o mundo elegante. Acho-lhes muito juizo e sou do mesmo parecer, até pela razão do ditado vulgar—*o muito aborrece, o pouco parece bem*. E não é assim? Os bailes todo anno fadigão, e por fim aborrecem; os theatros tornão-se

monotonos e enfadonhos; os soirées, as partidas, tudo em fim repetido, por espaço de doze longos mezes que tem um anno, seria, senão nesse mesmo anno, mas para o anno seguinte, divertimentos despidos de toda a novidade, de toda a belleza, fastidiosos e insupportaveis.

— 146 —

É por esta ponderosa circumstancia que a Europa, amestrada e experiente, só engaja por seis mezes as notabilidades artisticas para os seus theatros, e abre aos bailes as portas de seus sumptuosos salões por outro tanto tempo de delicias, esplendor e luxo. Desta forma alcança ella o dobrado fim que pretende, que vem a ser—novidade e vantagem constantemente para todos. Nem o artista cança, nem o amator se enfastia; o artista tem as vantagens e o amator a novidade. Tomára eu que os nossos theatros, em caminho de tanta prosperidade, imitem quanto antes estes costumes, pelo menos o theatro lyrico, que é aquelle que jamais deve perder ou inutilisar a sua bella reputação e o seu avantajado subsidio. Só assim conhecer-se-ha a dobrada vantagem de cantar e ouvir cantar—por seis mezes unicamente.

Deixemos porem, a discussão ou a realisação desta idéa, a quem de direito competir: tratemos agora querida leitora de outro assumpto que tambem vos é interessante.

A estampa que vos offereço hoje representa um figurino em *toilette* de receber visitas de cerimonia; alguém poderá dizer, á vista de tanto luxo, que é este um nome supposto que nós lhe damos; longe de nós o enganar-vos, querida leitora; percamos embora por sermos sinceras comvosco, mas é verdade: o luxo em Pariz é de tal requinte, que uma senhora do bom-tom não pôde dispensar este rigoroso *toilette* para a recepção de suas visitas de cerimonia. Este *toilette* entretanto é vulgar; tão vulgar como são aqui as nossas cassas, e chitas: eu vos dou a razão.

As luvas, que aqui nos custão tão caras, entre as elegantes parisienses são de costume; usão-nas constantemente para evitar a decomposição da côr de suas finas e delicadas mãos, o brunido e contorno de suas compridas e bem aparadas unhas. As sedas leves, sobretudo o tafetá, são fazendas communs desde a *grisette* até a mais delicada elegante. O espartilho é um companheiro inseparavel do bom-tom e que acompanha tambem a boa educação; mas eu fallo do espartilho que usão as francezas, o qual serve *unicamente* para conservar o talhe elegante do corpo, não arrochado, não contrafeito e mortificado pelo aperto do alacador. O penteado, as pulseiras, o lenço e outros pequenos enfeites são accessorios de todos os dias.

Ora já vedes por tanto, que todo este luxo, que representa o nosso figurino, não é mais do que um *toilette* feito com mais cuidado por essa ocasião, porque todos os objectos que o compõe são de uso constante entre a boa sociedade parisiense, como vós o sabeis.

Estas são as explicações que vos devo dar, querida leitora, a respeito de *toilette* de receber visitas de cerimonia no campo ou na cidade, na presente estação. As sedas leves, as joias e as luvas está sabido, que não nos devem admirar á vista do que fica exposto.

Que idade tem a vossa filhinha?

Um anno completa hoje, minha amiga.

Oh! como é linda! Está tão bem vestidinha.

Por quem sois... desculpai uma fantezia do amor de mãe: vós bem sabeis que esse não o é vestido proprio para as crianças de tão tenra idade; mas o que quereis! lembrou-me de fazer-lhe esta caprichosa vestimentasinha para hoje....

Naturalmente serão as perguntas e respostas que se trocarão entre mim e a elegante da nossa estampa, se eu a pudesse ver em carne e osso, com sua linda filhinha ao lado, que mal cambaleia os passos e já puxa pelo pescoço um gatinho de papelão.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE RECEBER VISITAS DE CEREMONIA.

Vestido de tafetá verde claro, guarnecido de duas ordens de larga renda *guipure*. Estas guarnições não são pregadas pela ourela da renda, mas sim deixando-se-lhes a largura de duas pollegadas ao lado de cima para formar um crespo em pé, preso na saia por pontos passados aqui e ali, para não abater. Por cima do pregado deste crespo e o franzido do resto da renda, passa uma fita verde estreita formada em lacinhos iguaes e successivos (*farfadets*) que circulão as duas ordens de folhos.—Canezou afogado, de *basquine* da mesma renda dos folhos, figurando adiante um colete todo fechado até acima, enfeitado com tres ordens dos lacinhos de fita chamados *farfadets*, que lhe dão uma graça immensa.—Mangas curtas do mesmo tafetá com meias mangas de filo enfunadas, de punhos de *guipure* largos e soltos.—Por penteado, unicamente bandos ondeados simulando canudos de cabello transversaes, e uma touca, bem sobre a trança, de renda de ponto de Inglaterra, ornada de pequenos folhos da mesma renda, e de cada lado um laço de pontas cahidas de fita côr de rosa.

Fallarei aqui ainda mais uma vez do gracioso *canezou*; foi uma das felizes criações da casa *Gagelin* em Pariz; sua elegancia, delicadeza e gravidade, derão-lhe as honras da geral approvação do mundo elegante que o estreou immediatamente, e em breve popularisou-se, tornando-se o *canezou* favorito desta estação. Observai-o, estou que lhe encontrareis as mesmas favoraveis disposições elegantes e graciosas.

O vestuario da linda criancinha é mui galante; está tão bem acabado como se fosse para uma moça de 16 annos, e ella tem apenas um anno. O vestidinho é de cachemira branca, decolado e fechado adiante por uma presilha de cima a baixo guarnecida de pequenos botões.

Paletot da mesma fazenda, (*ilegível*) curtas.

Eis vestidinha a pequena criatura que mais tarde será moça; por detraz della está a cuidadosa criada, que a acompanha toda cheia de receios que no cambaleiar dos passos não caia a menina.... Vós dispensais que eu lhe descreva o trajo, sim? Mas o rosto! que semblante sympathico que ella tem.

5 de novembro.

Christina.

EMANCIPAÇÃO MORAL DA MULHER.

Forfait exécrable! Crime de lèse humanité!

Qui pourra jamais le croire?...

L'homme ne saurait abaisser la femme sans tomber dans la dégradation.

Aimé Martin.

II.

Primeiro que entremos no mais largo desenvolvimento das idéas que deixámos exaradas—primeiro que expliquemos o glorioso distico da bandeira que nos vai guiar á peleja—havemos de registrar aqui as descortezias e injurias que—desleal e vilmente se tem atirado á face da mulher.

As mui circumscriplas raias d'um artigo de jornal não nos consentem a longa enumeração de todos os attentados—que mancharão não só delinquentes que já dormem na incommensuravel sepultura dos tempos—tendo deixado em herança aos seus netos um legado de indelevel deshonna—senão os que ainda vivem nesta nossa idade, e que trazendo nas fronte o ferrete da infamia hereditaria, se tem erguido para nol-a fazerem recordar, e para nos fazerem subir o rubor ás faces.

Para repudiarmos essa successão deslustradora voaremos ao combate, com o Evangelho na mão, estampando aqui, como padrão de vergonha e condemnação para os que não se pejarão d'aceital-a, aquelles insultos que mais se extremão pelo requinte da impiedade, e pelo estrondoso do absurdo.

O negro insecto do *egoismo* esvoaçando doudejante em torno da luz baça das lucubrações do philosopho, expremeu fel no seu tinteiro, e o philosopho escreveu:

*A mulher é um ente imperfeito na sua organização!*¹

*A mulher não pertence ao genero humano!*²

E sentado no alto do seu fofô orgulho, ficou ali ***, e senhor de si, como se houvera criado uma verdade luminosa, como se houvera feito uma revolução na sciencia, como se houvera descoberto a quadratura do circulo!

Acreditou o mesquinho verme da terra ter assim segura na cabeça a corôa de *rei da criação*, e não reparou que rojava o esfarrapado manto pelo lodo da impiedade!—não sentiu que o diadema lhe cahia no pó do absurdo!—Pobre rei de comedia!...

O incauto aggressor não sentiu que se suicidava com as proprias armas, cego obstinado não viu que a mulher era uma parte de si mesmo, e que participava da sua organização!

O impio não quiz crer, não quiz comprehender o beneficio, que Deus lhe outorgára—criando a mulher—não quiz lembrar-se que fôra feita á sua semelhança, que não era um objecto do seu dominio, senão um complemento do seu proprio ser!

Que podes tu insensato, se á força pretendes sumir na tenebrosa noite do teu desvairado raciocinar, essa centelha do Céu, que te deu o Criador, chamada intelligencia!

Homem de coração enregelado, queres por um raciocinio bastardo, negar a legitimidade da natureza!

Despe a rota capa do teu *amor-proprio*, abre os olhos, e contempla se podes sem pavor, o abysmo insondavel do teu nada! Levanta a vista para o Céu, e lê, se sabes ler a omnipotencia do legislador da natureza, e crê depois se te atreves—na tua imperceptibilidade d'atomo!

É pó a tua sciencia, quando affagado pelo demonio do orgulho, ousas rebellar-te contra essa lei immutavel cuja voz resôa em toda a immensidade, e cuja força te esmaga a teu pezar.

¹ D'anciens philosophes—et des médecins—tels qu'Hippocrate et Aristote—ont aussi regardé la femme comme un être imparfait—un demi homme—Virey de la Femme Cap. 1. pag. 15.

² Mulieres homines non esse—Dissert.—anonym d'Aleidallin—Paris—1693 in 12.

A mulher é um ente imperfeito!—e tu que de tão perfeito blasonas, não te recordaste que nasceste della? Filho ingrato te negas de tua mãe, e olvidaste de que o sangue que te anima, o bebeste nos seus peitos!?—Oh! tu sim que pelo teu criminoso pensamento te exceptuas da humanidade!

Abstrahiamos porem por um pouco de tudo isto, e cheguemo-mos para junto da pomposa cadeira magistral do philosopho, vamos ver correr de seus labios a torrente luminosa da sapiencia!—Eil-o que os decerra, e com voz dogmatica, e cheia d'emphaze, afugenta a ignorancia, que parte espavorida!

« Longos annos gastei, encaneci no estudo profundo da natureza humana, com o meu olho prescrutador, e agudamente penetrante, examinei minuciosamente a constructura desse animal—chamado mulher—o seu organismo está bem longe da perfeição que se encontra no do homem, a sua intelligencia é-lhe sobremaneira inferior, a mulher é um ente á parte na cadeia maravilhosa da criação, não pertence ao genero humano!—Eis o meu juizo, curvai-vos! »

Se tendes um pedaço de coragem, sahi das trevas em que jazeis, sacudi o vosso manto empoeirado de ignorante, e perguntai-lhe o porque dessas tremendissimas *verdades* que do cimo da sua grandeza scientifica arremessa ao meio das turbas, e elle vos responderá muito ufano e lampeiro como o Marquez de Molière—*je trouve la femme détestable! détestable, morbleu! du dernier détestable, ce qu'on appelle détestable! je la trouve détestable, par ce qu'elle est détestable!*³

Que importa que a razão confrontando o homem com a mulher, reconheça que são as mesmas as peças do seu mechanismo physico, avultando n'esta a graça e a belleza externa das fôrmas? Que importa se procurando a mulher intellectual a tenha achado em todas as épocas tão perfeita como o homem? Que importa se abrindo as sagradas paginas do Evangelho, lá tenha encontrado a sua origem, e a sua benefica missão de moralidade? Que importa se repelle o absurdo do philosopho e ri da sua louca vaidade? Que importa tudo isto?

O sabio fallou—a razão é uma tola—dobrai a cerviz e crêde!

« *A homens taes como este—exclama o illustre poeta portuguez João de Lemos, quem os fizera nascer das hervas! Esses taes não quizera eu nem que as tetas das lobas os alimentassem!* »

Nunca taes homens souberão

Ler na face da mulher,

³ Critique de l'École des femmes—Scin. C.

Em seus olhos aprender
Nunca taes homens quizerão;
Não virão manar-lhe a flux
Dos labios celeste riso!
Não virão do paraíso
Nos olhos acesa a luz?

Não é d'anjo a voz macia,
Que vencendo almo poder
Te diz ternura, e amor
Com tão mimosa harmonia?
Aquelle encanto só seu,
Graças, e mimos só della
Aquelle rosa tão bella
Não vem do rosal do Céu!

A quem á terra só veio
Por te servir, por te amar,
D'irmã tua lhe chamar
Parece que tens receio?
Se o teu orgulho não quer
Chamar anjo á formosura,
Deixando ingrata loucura,
Chama-lhe ao menos mulher.

Não pertence á humanidade
Dizes tu, impio! e não vês
Do seio cabir-lhe aos pés
Humanada a divindade?
Se em ti a crença inda tem
Algum poder, pensa n'isto
Pensa que foi Jesu-Christo
Homem só—por sua mãe.⁴

⁴ Revista Academica de Coimbra 1848 pag. 169.

Eis como o cysne de Portugal solta o seu canto melodioso para desagrar a mulher ultrajada, eis como elle se levanta para pulverisar a these pomposamente vã, e insultuosa do philosopho!

(Ninguem).

[Continuar-se-ha].

A POBREZA.

« *Pobreza não é vileza* » diz orifão hespanhol, e ninguém o acredita, porque o mundo não concede valor real senão aos algarismos, e quem é pobre só calcula as futuras privações, deixando á outrem o augmento e diminuição de cifras, que representem cabedaes!

A sociedade repelle instinctivamente o necessitado por temer que este o importune nos seus momentos de recreio; se ao menos o pobre pensasse! mas não; essa faculdade não se encontra nos andrajos.... O homem que não sorri diante de grandes montes de ouro amoedado, que lhe pertença, não pode viver; vegeta apenas, e não se dá ao trabalho de estudar e ler: tomára elle tempo para, estúpido, parafusar torpemente nos meios de ser tão rico, que vá supplantar o vilão que hontem.... hoje.... agora mesmo o repelliou com desdem, atirando-lhe aos pés um pedaço de pão para matar a fome!...



Pobre! pois ha palavra menos poetica? ha expressão mais despida de som, mais incommoda e ridicula?! E quando á ella se ligão—enfermidade e velhice?!... Oh! então é asquerosa, medonha e pestilenta! A propria morte despreza o pobre por muito tempo!... Só a bondade de Deus, immensa, incommensuravel, infinita, lhe dá bastante resignação para soffrer pacientemente a fome, a sede e a nudez...; só Deus amercea-se de lançar um olhar clemente sobre a victima do mundo, e lhe destina um logar junto de si!... Os homens!... esses prodigalisão-lhe martyrios; arremessão-lhe saliva ao rosto curvado e abatido, e quando fingem compadecer-se.... é tarde; já soou a hora de passamento; a parca apoderou-se da sua presa!...

O caminho ambicioso, que elles seguem, é tão tortuoso e escuro, tão cheio de espinhos e barrancos, que lhe foi impossivel distinguir nas trevas o pobre que lhe estendia a mão supplicante; e seu egoismo é cego e mudo, e por isso elles passam além, e calados não pronuncião uma frase consoladora.

E si o indigente é uma mulher, quem lhe dá credito, mormente se intercede por um filho, por um marido que morre ao desamparo?!... Seria iniquo alimentar a ociosidade, que pede uma esmola de porta em porta para não trabalhar; e demais, não ha tempo de investigar-se onde a miseria faz seus estragos; porque, uma hora perdida n'este trabalho material e fastidioso é um dia de atrazo para chegar-se ao porto de salvamento, para accumular riqueza sobre riqueza, e evitar as adversarias desta! Elles pensão bem: a policia que se encarregue de semelhante indagação; as casas de caridade (e nós temos tantas!!!) que prestem auxilio á pobreza, e não se occupem em monopolisar!

No trato commum, admira-se e applaude-se o rico que diz uma sandice, e escarnece-se do pobre que falla sensatamente; mede-se o merito e o talento pela mesma bitola da fortuna de cada um, e quando ambos tem de descer á sepultura, encerra-se em caixão de zinco aquelle que para nada prestou, e deixa-se apodrecer o que teve algum valor. Ainda assim o mundo é justo; porque seria vergonhoso entregar-se aos vermes um corpo que soube ajuntar em ouro um peso equivalente ao seu, entretanto que o pobre apenas legou o seu saber, e essa fazenda não tem preço no mundo—por ser alcaide!...

O amor de Deus! por ventura a sociedade de hoje, que dança, baila e folga, sabe o que isso significa?!... Nem deve pensar em tal: o nosso seculo estuda a moral e a religião para pregal-as, e não para pol-as em pratica.

O sexo feminino, que espontaneo estende sempre sua mão protectora ao desvalido, tem pêas de ferro impostas pelo juramento de obediencia, juramento que se transmite de filhas á

netas; não soccorre amiudadas vezes, porque seus pais, irmãos e maridos o chamavão perdulario, e em muitas occasiões dar-lhe-ão o desgosto de ver o seu protegido soffrer a pena do malfeitor. Esmolar pelo amor de Deus quer dizer—arrancar uma á uma as pedras do edificio da soberba, abalar o prestigio da sordidez, vêl-a vacillar entre a humanidade e a ambição absoluta, e por fim fazel-a baquear ante o pensamento fanatico da época:—dinheiro, dinheiro, dinheiro—sejão quaes forem os meios empregados para conseguil-o!

E não é tão razoavel esta maxima do modernismo, aceita e seguida pela maioria dos precedentes do seculo passado? Para elles, a soberba é synonymo de posição independente, a sordidez não passa de um modo honesto de adquirir abastança, e a ambição é uma virtude que traz comsigo superioridade e economia!

Este quadro da vida, moldurado com todos os attributos da deshumanidade e diariamente exposto aos vossos olhos, será uma ficção, um absurdo produzido pela minha cabeça visionaria? Quizera crêl-o, mas não posso?

Tambem pertenço á grande familia dos enteados da *Fortuna*; sou uma das filhas predilectas da *Adversidade*, e desde que pude raciocinar, tenho servido á extraordinarios tragos o fel amargo da indifferença!

Não penseis que faço exprobrações á minha estrella até hoje encoberta; não acrediteis que me revolto contra o destino que me foi dado. Vivo resignada; nutro em minha alma tanta esperança, quanto é a fé que deposito na inimitavel misericordia do Ser Supremo; e si nas horas do pensamentear deixo escapar uma expressão mais acre, não tireis a illação de que estou de guerra aberta com a sociedade pelos seus erros e prejuizos. A sociedade, se ordinariamente pecca e posterga deveres sagrados, algumas vezes toca a meta do nobre, do generoso, do sublime: e não é por se darem longos intervallos entre os seus actos beneficos, que me deva esquecer d'elles, e condemnal-a á eterna execração.

No seu leito de morte, no momento extremo em que a alma esvoaça em roda do corpo para abandonal-o perpetuamente, minha mãe, o meu anjo de piedade e consolação, legou-me um preceito, que guardo zeloza em meu seio, como o avarento aferrolha o seu metal precioso. « *DEUS SOBRE TODAS AS COUSAS!* » me disse ella, e foi recolher-se no regaço de Deus, sem derramar uma lagrima, sem abranger com olhar saudoso as delicias do mundo!...

É esta a minha riqueza; o cofre que a encerra é um coração que soffre sem gemer, que palpita sem desanimo; a razão e o trabalho servem-lhe de amparo; Deus e a Religião são o seu escudo; e quem indagar pela origem de uma esperança, talvez supposta insensata, terá em resposta: *A MEMORIA DE MINHA MÃE*.

ELLA!

Quanto amor eu tenho n'alma,
E quanto em vida eu tiver,
No meio de mil extremos
Heide dal-o a uma mulher.

Heide-lh'o dar espontaneo
De minh'alma—tambem sua,
Heide-lh'o dar doce e meigo
Como em seu peito fluctua.

Heide-lh'o dar meigo e terno,
Tão terno qual Deus m'o deu,
Heide-lh'o dar terno e nobre,
Tão nobre como é o seu.

Heide-lh'o dar nobre e puro,
Tão puro qual minha fê;
Heide-lh'o dar puro e santo
Tão santo, qual ella é.

Com—amor—pago-lhe amor,
Com firmeza—lealdade,
Com lealdade—affeição,
Com affeição—amisade,

E esta mulher, que eu tanto
Idolatro, amo e venero,
É minha—mãi—extremosa,
Que inda mais do que a mim quero!

PENSAMENTO.

No Album da Exma. Sra....

A virgem da planície do Guanabara, esbelta, graciosa e elegante como a palmeira do deserto, pede ao Bardo da montanha que outr'ora celebrou as glórias da patria, cantou os heróis da religião e evocou a sombra dos reis para julgal-os diante de seu tumulto, uma inspiração, um pensamento, para enriquecer o seu album... e o alaúde tem as cordas estaladas, como está o coração quebrado pela dôr!... E os olhos, que admirarão o azul dos céos, e a formosura da natureza, estão condemnados á escuridão eterna...

Uma inspiração, um pensamento para enriquecer o seu album!... e o teu album, ó virgem, não é tão rico de inspirações, e tão fecundo em pensamentos? O ouro, a prata, a seda, os emblemas, as decorações fazem do teu album um primor d'arte. Cada uma descrição, uma composição poetica; a maxima d'um sabio, é uma homenagem consagrada á ti, ó virgem, unico objecto de tantos cultos, e tantas adorações. Um dia este album passará á outras mãos, e elle só despertará a recordação d'um passado d'illusões, de mentiras, e frivolidades, que não tornarão mais a existir!... Antes que a aurora com seus dedos côr de rosa corra as cortinas do leito do bello astro do dia, a nympa se precipita no jardim, e com suas mãos de alabastro rega a flor mimosa, encanto de seus olhos, idolo do seu coração: de tarde o rustico jardineiro arranca a aste da filha da primavera, que já não embalsama o ar com seu perfume, nem attrahe a attenção pela riqueza de seu matiz, e a belleza de suas cores!...

Oh! como é formoso este céu dos tropicos abrilhantado pelo Cruzeiro do Sul! Que estrella tão luminosa! É um brilhante, que o Todo Poderoso cravou na abobada do firmamento? É um destes anjos, que presidem aos destinos dos homens?... e o astro desprende-se do horizonte, traçou uma elypse; e sumiu-se no espaço!...

Ó virgem! Ó houri dos christãos! orgulho de teu pai, doce reminiscencia dos amores sagrados de tua mãe; todos estes encantos, que tecereão, estes votos lançados á teus pés, esses protestos de amor, estas seducções da grandeza, esta aureola, em que o mundo te envolve, são para ti, ó virgem, a voz melodiosa da serpente, que nos desertos de Edon attrahe com os seus magicos accents o inexperto viajor, para o dilacerar com suas garras.

E amanhã? e o teu coração? e teus pensamentos?

Não, não esqueças esta sentença do Bardo, que conhece todos os mysterios da vida, e os segredos d'além tumulo: — *DEUS, E A VIRTUDE*.

Rio de Janeiro, 14 de março de 1851.

Fr. Francisco do Monte Alverne.

— 151 —

ANALIA

Victima do amor.

1851.

*Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera...
Camões.*

Estava uma noite entregue ao pensar da meditação, ou antes ao silencio do nada, e minhas idéas confundindo-se entre si, trocavam-se-me na mente; estava em um desses momentos em que a alma meio intelligente, meio automato, meio sensivel, meio inerte, se condensa e parece não obrar, quando uma idéa despedaçadora atravessando o meu espirito veio despertar-me da lethargia do sentimento. O relógio de S. Bento acabava de dar 10 horas... fôra aquella mesma hora, naquella mesma casa, que havia apenas quinze dias uma scena bem terrivel se passára... Oh! Analia... que alma... que sentir... que amor!

Analia tinha vinte annos, dotada de uma alma sensivel, de um sentimento profundo para o bem, linda e seductora, parecia ter nascido para a felicidade, e entretanto neste mundo de transição e soffrimento, só encontrou a desventura e a dôr. Qualquer objecto, que para outrem seria frivolo e passageiro, para Analia era vivo e mortificante, e atormentando-lhe o coração, mirrava-lhe lentamente o existir; e todavia, habituára-se a um certo ar de jovialidade, e encobrando seus pezares, e contrafazendo seu temperamento, suffocava a desventura e affectava a felicidade... Oh! mas como a sua jovialidade era sinistra... como ella soffria então! seus suspiros comprimidos, seus gritos d'alma abafados em seu peito, parecião querer estalar-lhe o coração; e com tudo, rosto risonho, dizer-se-hia feliz... mas ahi que nunca uma sombra de felicidade passava através de seus sonhos de delirio...

Havia alguns dias que eu a não via... estranhára a sua ausencia; habituadas uma á outra, sentia a sua falta, como o doente a privação da luz; estava triste porque a não via. Idéas vagas, mas sinistras, me haviam ocorrido; repellira-as e indignára-me contra o acaso que m'as suscitava... e entretanto o socego não podera descansar em minha alma... Oh! se um sentimento penetrasse em o coração de Analia, se, apoderando-se de sua alma, conseguisse sujeital-a ao seu dominio, ai della... que de todo se esvaeceria essa sombra de felicidade, esse sonho de ventura, que alimentando-a debilmente n'este mundo a impedia de morrer.

Estava triste e pensativa, e trabalhava para desfazer a sinistra idéa que me volteava na mente, quando senti passos apressados na escada, e a porta do meu quarto abrindo-se repentinamente deu entrada á Analia. Um tremor involuntario me percorreu todo o corpo, um calafrio como que me gelou o sangue nas veias. Por que razão me não precipitei logo em seus braços? Todas as minhas faculdades se haviam paralyzado ao aspecto de Analia; pallida como um fantasma, adiantou-se para mim a passos lentos, e, mergulhada em uma sombria apathia, parecia andar ao acaso. Levantei-me finalmente. Um sorriso triste e extinto lhe ondulou pelos labios, apertou-me a mão, e sentou-se ao meu lado.

—Cuidei que tambem me havias abandonado, disse ella tristemente.

—Porque essa supposição?..

—Oh! sim, perdoa, perdoa-me esta palavra, fructo da alienação do sentimento; tenho soffrido tanto! além disso que me importa a mim a vida; a existencia sem elle é-me pesada, é um tormento; só nasci para soffrer; sem um momento de felicidade, soffri todos os trances da desventura, e tenho vivido neste mundo como um moribundo que se revolve em seu leito de dôr; uma só palavra bastou para de todo aniquilar o bafo arido que me alimentava a vida.... Não vos posso amar!... disse elle, e essas palavras resoarão em roda de mim, no meu ultimo instante, como o dobrar de um sino funebre, como um grito de maldição... e agora a morte... e nesse momento em que a vida aniquilando-se e a alma soltando seu rapido vôo, for reunir-se ao nada... nesse momento serei uma vez ditosa...

E a cabeça cahiu-lhe sobre o peito.... depois poz a mão na fronte como para reunir seus pensamentos e buscar sua razão perdida...!

—Infeliz de mim! continua ella, invoquei a felicidade.... e uma risada satanica respondeu ao meu chamamento.... Felicidade, phantasma vão, que os homens sonhão em seus sonhos de delirio, que vem elevar-se ante elles como colosso de eterno bronze, mas que não attentão que suas bases são de barro, e que a obra da imaginação em sua breve queda esmagará os tresloucados que a ousarão levantar em seu espirito!...

Eu a interrompi.

—Analia, minha Analia.... para que entregar-te de todo á dôr? Ainda que perdesse tudo, não te restava eu?... e depois talvez um marido.... o amor....

Estas palavras parecerão exacerbar-lhe a dôr; levantou a cabeça com violencia:

—Amor e marido.... quem ousa aqui pronunciar estas duas palavras.... são palavras que desencantão, são punhaes que matão!...

E mudando repentinamente de tom continua:

—Ah! sim.... um homem appareceu em meu transito neste mundo.... pareceu-me um espirito celeste; julguei-o a aurora da minha ventura.... era apenas um sonho da minha illusão.... agora vejo ante mim um futuro brilhante.... abre-me os braços, precipito-me nelles... é a morte.... lá encontrarei esperança, felicidade e amor.... Parece-me ver a minha vida atravez de uma nuvem aniquilar-se lentamente; entre a sombra do passado e o mysterio do futuro um sentimento se eleva superior, e esse existe como uma forte impressão, sobrevive ao acordar de um sonho extincto.... é o amor!

E encostou a cabeça ao meu hombro, e duas lagrimas, rolando ao longo de suas mimosas faces, vierão humedecer-me as mãos. Depois Analia levantou-se; a sua physionomia estava mais socegada, estreitou-me em seus braços, quiz articular algumas palavras, e apenas alguns sons se ouvirão.... Adeus!... Quiz chamal-a.... já estava longe.

II.

Acabava de levantar-me, tinha passado uma noite terrivel; annunciárão-me que um homem queria fallar-me immediatamente, ordenei que entrasse: era o criado de Analia: vinha triste, e uma idéa funebre me occorreu.

—Tua ama? perguntei impaciente.

O velho sacudiu tristemente a cabeça....

—Minha ama, ai de mim!... já não existe.... eis uma carta sua.

Não pude supportar tanta dôr; o Céu suspendeu por algum tempo os meus soffrimentos.

Ao outro dia achava-me melhor, li a carta de Analia. Oh! que expressões! para que as heide recordar.... dentro della vinha outra carta.... era dirigida ao homem, cujo amor a assassinára.... pedia-me que a entregasse.... ah! e como m'o pedia.... quando entre a vida e a morte distava um momento.... Era a ultima vontade de uma amiga, um desejo sagrado:

cumpril-o.... era para mim um preceito religioso.... Enxuguei os olhos... vesti-me.... sahi.... fiz-me annunciar.... entrei....

Recostado em um sofá estava elle, levantou-se pressuroso para receber-me á porta da sala. Inclinei-me, entreguei-lhe a carta.... leu-a.... duas lagrimas correrão de seus grandes olhos:

—Não pensei que me amava tanto!...

E a sua voz parecia-me de uma harmonia celeste.

E eu disse comigo:—Aquelas duas lagrimas, penetrando em o tumulto de Analia, irão suavizar-lhe a alma que tão atormentada foi neste mundo! Retirei-me.

Nessa mesma noite, aquelle homem rodeava e cumprimentava risonho e espirituoso um circulo de elegantes moças em um baile; alegre passeava com ellas de braço, dirigia-lhes finezas, e promettia casamento a uma clara de olhos pretos, pensando bem pouco na infeliz que lhe sacrificára a existencia, e cuja alma, morta para o mundo, mas viva para eterna dôr, vagava pelo espaço sem encontrar o bem do Céu.

Escripto por uma amiga de Analia.

L. C.

AS IRMÃS DE CARIDADE.

Publicamos aqui as informações que obtivemos de uma illustre capacidade medica do nosso paiz, a respeito das trinta e seis irmãs de caridade que vierão prestar os seus serviços em beneficio dos doentes da Santa Casa da Misericordia.

« No primeiro dia de novembro as irmãs de caridade chegadas ha pouco de França, e que já tinham principiado alguns de seus trabalhos na Santa Casa da Misericordia, forão incumbidas de todo o serviço interno deste estabelecimento pio que a mesa administrativa julgou conveniente lhes confiar.

« Parece que este serviço, bem que seja amplo e muito importante, não alcança toda aquella extensão que a pia ordem das irmãs de S. Vicente de Paula abrange em França. Estas restricções porém parecem bem ponderadas: nos nossos hospitaes as condições sociaes são um pouco differentes das daquelle paiz, e devemos por ora deixar á experiencia o melhor desenvolvimento de tão uteis serviços para quando a actividade destas religiosas puder ser tão extensa como na França.

« O que podemos asseverar já hoje, é, que estas senhoras, até debaixo destas condições um pouco restrictas, são um beneficio immenso para a Santa Casa, em que saberão ganhar a

mais viva gratidão da parte dos doentes e o mais illimitado respeito da parte dos facultativos
».

Estamos pois que todas as nossas queridas leitoras unirão suas vozes ás nossas para agradecermos em nome da humanidade um tão relevante serviço prestado ao paiz pela administração da Santa Casa da Misericordia. As irmãs de S. Vicente de Paula é a instituição de caridade a mais util e nobre que temos conhecido.

Da Redacção.

Acompanha a este n. 45 uma estampa com figurino de receber visitas de cerimonia.

Typ. do Jornal das Senhoras, de Santos & Silva J.or, rua da Carioca n. 32.